



**A TRIBALIZAÇÃO DO MUNDO: um estudo propedêutico sobre o Estado a partir de Michel Maffesoli**

Rafael Rossetto<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo tem como proposta desenvolver algumas reflexões envolvendo o pensamento de Michel Maffesoli, o conceito de tribalismo na sociedade contemporânea e as dificuldades das instituições concebidas na modernidade, como o Estado, para lidar com as transformações recentes em uma possível nova era na história da humanidade: a pós-modernidade. O texto contempla ainda pequeno diálogo entre Maffesoli com outros autores contemporâneos, com destaque para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, buscando possíveis identidades em algumas linhas de reflexão entre ambos os autores.

**Palavras-chave:** Tribalismo, pós-modernidade, diversidade.

---

<sup>1</sup> Mestre. Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: rossetto.rafa@gmail.com



## INTRODUÇÃO

As instituições, forjadas ao longo da modernidade, pareciam imortais. Havia uma funcionalidade do conjunto da sociedade, difícil de romper. Esse mundo, voltado para um rígido ordenamento, cede lugar para as incertezas da atualidade e a solidez das “estruturas” modernas deixa de existir. Autores contemporâneos ousam escrever sobre a pós-modernidade, um novo momento na história da humanidade em que a mundialização, o avanço da alta tecnologia, a comunicação e a troca de informações facilitadas pela internet proporcionam oportunidades inéditas para que pessoas de culturas e hábitos diferentes possam se conhecer e interagir.

A tentativa para compreender esses novos comportamentos do ser humano e as grandes transformações ocorridas nos últimos vinte anos nos leva aos estudos de Michel Maffesoli. No momento em que a sociedade modifica seu comportamento em todas as áreas, seja ela moral, econômica, política, religiosa ou qualquer outra base primordial da estrutura de um viver, o Estado tenta acompanhar essas mudanças, mas com grandes dificuldades. As novas demandas oriundas de uma sociedade transformada parece confundir as ações da esfera estatal em função da diversidade encontrada e da própria dificuldade em atender a essas demandas face às limitações de recursos.

Não é por acaso que, ao acompanhar o debate envolvendo questões culturais, o próprio (re) desenho do Estado aparece como algo prioritário, pois as instituições públicas parecem ainda dialogar intensamente com estruturas forjadas na modernidade, mas que apresentam pouca identidade com a velocidade dos processos de modernização recente.

## PÓS-MODERNIDADE: AINDA UM MALDITO CONCEITO

A pós-modernidade teria como característica primordial a aceitação de todas as culturas diversas e “estranhas” entre si. A necessidade de uma nova leitura da reorganização sócio-antropológica do Estado, uma leitura que transcenda os conceitos do Estado moderno, caracteriza-se como uma das preocupações centrais nas obras do sociólogo francês Michel Maffesoli.

O conceito de pós-modernidade não é, evidentemente, consensual. Autores como Giddens (1991), Beck (1979), Habermas (2001) e Bauman (2001) resistem ao conceito,



utilizando expressões que sinalizam um novo momento na história da humanidade mas não adotam o conceito. Apesar dessas compreensíveis resistências, a Teoria Social incorporou o tema. Afinal, novas fronteiras entre Estado e sociedade se estabelecem, formas inéditas de ações sociais completamente dissociadas da política institucional compõem esse novo e curioso cenário. Críticos ainda mais rígidos, como Eagleton (2005), investem não apenas contra a utilização do conceito, mas dirige suas críticas até mesmo aos estudos que contemplam as transformações recentes.

Mas qual seria a diferença básica entre modernidade e pós-modernidade, partindo do pressuposto de que estaríamos, efetivamente, em um outro momento histórico?

Bauman (1999), nomear, classificar, na modernidade significou separar, segregar, proporcionar uma certa ordem ao mundo, partindo-se do pressuposto de que o mesmo estaria fundamentado em entidades discretas e distintas. Mas talvez isso atualmente não seja mais possível. Classificar, por exemplo, nos levou a perceber o mundo como uma estrutura e, conseqüentemente, o grau de previsibilidade sobre os eventos possibilitaria criar um modelo, enfim, um mundo ordeiro e planejado. Essa foi a principal característica da modernidade. Eliminar a ambivalência foi seu maior projeto. Hobbes talvez tenha sido uma referência maior nessa intenção em criar uma ordem que afastasse a possibilidade do homem coexistir com uma força natural e incontrolável.

Para Bauman (1999), a modernidade era sustentada por um projeto, uma administração, um planejamento.

Os estranhos, na modernidade, seriam aqueles que “[...] não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo” (BAUMAN, 1998, p.27). Adaptá-los, integrá-los, ou até mesmo elimina-los, como ocorreu nas experiências totalitárias, sempre foi característica da modernidade, na busca de uma sociedade sem ambivalências ou algo que destoasse do conjunto. A pós-modernidade, no entanto, precisa conviver com os “estranhos”.

Ao definir *modernidade líquida*, Bauman (2001) ressalta os aspectos frágeis das instituições concebidas ao longo dos últimos trezentos anos, período este denominado como *modernidade sólida*. Ou seja, estamos a vivenciar o diluir das instituições forjadas ao longo da modernidade.



Proveniente de um niilismo nietzschiniano, as instituições passam, portanto, por serias crises de legitimidade e o próprio Maffesoli (2004), e aqui concordando com Bauman (2001), analisa as instituições sob uma nova perspectiva diacrônica e sincrônica:

*(...) é impressionante ver que as diversas instituições já não são contestadas nem defendidas. São simplesmente “comidas pelas traças” e servem de nichos para microentidades baseadas na escolha e na afinidade.(...) (Maffesoli p.24).*

Percebendo a necessidade de uma nova análise a partir de uma anamnese hermenêutica, sobre a reconfiguração do Estado, Maffesoli (2004) parte da premissa de que se compreenda de maneira primária a sua concepção do sujeito pós-moderno:

*(...) O termo “indivíduo”, como eu disse, já não parece aceitável. Pelo menos, não em seu sentido estrito. Talvez conviesse falar, no que tange à pós-modernidade, numa pessoa (“persona”) que desempenha diversos papéis no seio das tribos a que adere. A identidade se fragiliza. As identificações múltiplas, ao contrário, multiplicam-se.(...) (Maffesoli p.26).*

Nesse sentido, as relações Estado-sociedade adquirem novas configurações. Como repensar ações públicas-estatais direcionadas a uma sociedade plural e multifacetada? Qual a sensibilidade de uma estrutura formal para lidar com novos comportamentos que caracterizam os movimentos da sociedade contemporânea e as opções das pessoas que não esperam, ou pelo menos não criam expectativas exageradas, sobre o papel do Estado?

## **MAFFESOLI, TRIBALISMO E A PÓS-MODERNIDADE**

O sociólogo francês também destaca nas suas obras a importância que a imagem assume no último período, muitas vezes afirmando que vivemos no exato momento de transição em que a estética pós-moderna supera a ética moderna. Assim afirma veementemente:

*(...) o ultimo aspecto do substrato epistemológico pós-moderno é a importância que a imagem passa a assumir na constituição do sujeito e na da sociedade. (...) (Maffesoli, 2004, p.29).*



De maneira bem propedêutica essas definições acima citadas; pós-modernidade, a crise de legitimidade das instituições, o indivíduo pós-moderno e a importância que a imagem assume são fundamentais para compreender o (neo) tribalismo maffesoliano, objetivo principal desse artigo.

Maffesoli (1998) parte da premissa de que se faz necessário compreender que a cultura está prevalecendo sobre o processo econômico-político na pós-modernidade.

*(...) sacralização das relações sociais, que o positivista Durkheim chamou, a sua maneira, o “divino social”. É assim que, por minha parte compreendo a Potência da Socialidade que através da abstenção, do silêncio, e da astúcia se opõe ao poder econômico-político.(...)(Maffesoli, pg.5).*

Para compreender com êxito a proposta de um neo-tribalismo é necessário uma grande capacidade de relativizar fatos e ações. Não se deve permitir qualquer tipo de interferência com a prática, pois é fundamental também recusar a participação num conhecimento instrumental.

Identificar o sujeito pós-moderno é um desafio primordial para a compreensão da proposta maffesoliana, pois esta tem como pressuposto conceitual conceber propostas que possam romper os paradigmas da modernidade. Os próprios conceitos como proletariado, classes sociais etc. perdem consistência. Ganha destaque a noção de tribalismo, com a valorização de grupos ou agrupamento de pessoas pouco interessadas em vincular seus projetos de vida às grandes transformações imaginadas na modernidade, como revolução, conquista do poder do Estado, luta de classes etc.

*(...) a metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa(persona) é chamada a representar dentro dela.(...)(Maffesoli, 1999, pg9).*

Para uma melhor compreensão dessa nova proposta em que a socialidade pós-moderna vem substituir a sociabilidade moderna, podemos elencar alguns fatores que contribuíram para essa transição, como o fim dos ideais iluministas, com a sociedade pós-moderna assumindo um caráter imediatista e abandonando os grandes projetos da modernidade, e de ideais como Liberdade, Igualdade e Fraternidade.



Bauman ressaltou que a “[...] pós-modernidade é a modernidade que admitiu a impraticabilidade de seu projeto original” e, em função disso, tentando se acostumar a viver sem esse projeto (BAUMAN, 1999, p.110).

Com todas essas mutações sociais, o perfil dos grupos (não institucionais) também tende a uma mudança brusca, cujas características fundamentais são: relativismo do viver; tragédia do cotidiano; peso do dado mundano; bem ou mal assumido e, perante essas perspectivas, o Estado inevitavelmente sofre igualmente alterações (MAFFSOLI, 1999). Decorrente do tribalismo é também o “não-ativismo social” o fator que mais interfere na ordem social constituída e instituída, pois a “persona” (sujeito) abre mão dos seus projetos sociais para viver em seu micro-grupo (tribo), onde encontra todos os pressupostos para o seu gozo contemplatório de um sujeito pseudo emancipado.

Bauman (1999) igualmente valoriza as diferenças, as opções das pessoas em busca de suas próprias expectativas. A preocupação do autor com a diferença, a dificuldade de assimilação do “outro” permeia sua obra. A questão judaica, central em sua reflexão, proporciona a síntese para o desenvolvimento de seu trabalho. Talvez esse seja o ponto central no debate apresentado pelo sociólogo polonês. A modernidade, ao buscar incessantemente a eliminação da ambivalência, excluiu, muitas vezes fisicamente, os diferentes. Na pós-modernidade, apesar da fragmentação das certezas modernas, poderemos obter, como algo novo, a tolerância ao “outro”. Não é por acaso que Bauman cita com alguma frequência Freud, um judeu, e, portanto, um “estranho” na Europa da primeira metade do século XX e que, através da ciência, apesar de resistências imensuráveis, encontrou as armas para lutar contra a ambivalência. Afinal, o que seriam pessoas “normais” e qual a diferença entre sonho e realidade? Freud, como Bauman, buscava na ambivalência a chave para decifrar os enigmas do pensamento moderno. Em tudo há sentido. A psicanálise questionava os rótulos estabelecidos, identidades, códigos, o normal e o anormal. Por que não deixar a ambivalência emergir? Nada precisa ser como é determinado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O tribalismo, enfatizado por Maffesoli, não é, portanto, um projeto político, pois não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente e, nesta perspectiva, a pessoa (persona) representa papéis, tanto



em suas respectivas atividades profissionais, quanto no seio de diversas tribos de que participa. Essa pessoa vai, de acordo com seus gostos e interesses diversos (sexuais, culturais, religiosos) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do “*thetrum mundi*”.

Além do não-ativismo, outra característica fundamental do tribalismo é o estar junto “à toa”. A partir dessa concepção Maffesoli (1998) determina o que segundo ele é o cimento societal, o que une as pessoas, com determinados grupos ou tribos:

*(...) comunidades de idéias, preocupações impessoais, estabilidade da estrutura que supera as particularidades dos indivíduos, eis aí algumas características essenciais do grupo que se fundamenta, antes de tudo, no sentimento partilhado(...)(Maffesoli, pg112)*

O “estar-junto” é um dado fundamental para a compreensão da tribalização do mundo. O indivíduo não pode viver isolado, ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e/ou pela moda a uma comunidade, aqui interpretada como tribo.

Da junção do “não-ativismo social” com o “estar junto à toa”, podemos chegar a algumas hipóteses sobre a crise pela qual passam as instituições. Ao invés de se preocupar com grandes problemas, ou problemas setoriais, o indivíduo pós-moderno busca simplesmente ignorar essas possibilidades e prefere viver em seu “mundo próprio” com a sua ou as suas tribos que escolheu para compartilhar momentos, anseios e angústias.

Podemos afirmar, com algum cuidado, que o tribalismo pós-moderno traz consigo uma certa dose de conformismo social, mas não exatamente valorizando um comportamento passivo:

*(...) conformismo e reticência frente ao poder sobreposto, reencontramos aí a perspectiva geral da lógica anarquista: a ordem sem o Estado(...)(Maffesoli, 1998, pg119)*

Esse conformismo é perceptível nas novas gerações de jovens que estão constituindo a sociedade neotribal, jovens que deixaram de acreditar em utopias possíveis como ocorreu durante o século XX com o ideal da revolução, passando pelo emblemático *Maio de 1968*, para que então se possa viver em um niilismo circunstancial baseado em uma nova era de redes, micro-grupos e tribos onde os ideais políticos libertários não mais existem. Jovens com suas posições de não-ativismo colaboram para a manutenção da (des) ordem existente na sociedade contemporânea.



Na conjunção de todos esses elementos que fundamentam a tribalização do mundo, muitas perguntas poderiam ser feitas para compreender essa nova dinâmica da chamada pós-modernidade.

Há, no entanto, uma necessidade dos Estados e governos compreenderem em suas análises conjunturais esse novo fator importante e determinante que é o tribalismo ou a constituição de tribos setoriais.

Mas estará o Estado contemporâneo preparado para lidar com tais formas de organização de parte da sociedade? Ações e estratégias políticas poderão contemplar e decifrar esses novos e inéditos movimentos de parcelas significativas da sociedade? Desenvolver políticas públicas na atualidade e lidar com a diversidade social e cultural é o grande desafio do Estado contemporâneo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1997.

COELHO, Teixeira. **Moderno Pós-Moderno**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1995.

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria**. Um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HABERMAS, Jürgen. **A constelação pós-nacional**. Ensaios políticos. São Paulo: Littera Mundi, 2001.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político. A tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.



\_\_\_\_\_. **Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre a pós-modernidade – O lugar faz o elo**. Rio de Janeiro. Atlântica. 2004.

\_\_\_\_\_. **O Instante Eterno – O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Mistério da Conjunção - Ensaio sobre comunicação, corpo e sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Tempo das Tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.